

Quem resiste ao *reset* ? Um viés de comunicólogo. Por Manoel Marcondes Machado Neto.

“Receio estar convencido de que uma comunidade de seres humanos é coisa muito mais útil que uma comunidade de formigas, e de que se o ser humano for condenado a realizar a mesma função restrita repetidamente, não chegará sequer a ser uma boa formiga, quanto mais um bom ser humano”. Norbert Wiener.

Um “[grande reset](#)” está nos planos do *Forum* Econômico Mundial – é público e notório. Mas, de que se trata? De reinicializar o capitalismo ou a humanidade? Até o Vaticano, sob Francisco, sediou, no último 8 de dezembro, encontro do “Conselho de Guardiões” de um “movimento” convergente a essa agenda – “[Capitalismo Inclusivo](#)”. Presentes os CEOs de gigantes companhias transnacionais, tais como, Allianz, Bank of America, BP, Calpers, Dupont, EY, Merck, Master Card e VISA, entre outros.

O que se pode depreender de uma observável cronologia que se foi encaixando nos últimos meses é que a crise global trazida pelo novo coronavírus funcionou como um perfeito catalisador da ideia de uma abrangente “reinicialização”. Começamos pelo resumo do que consta no portal do *Forum* Econômico Mundial (*WEF* na sigla em inglês) para seu [próximo encontro](#) em Davos, Suíça, de 25 a 29 de janeiro de 2021.

Refundação de nossos sistemas sociais

A pandemia provou que práticas consolidadas mudam e que há disposição para sacrifícios. Resultados esperados do *reset* – tributários, regulatórios e fiscais – serão mais justos: acordos comerciais mais equitativos, uma propriedade intelectual “diferente” e a retirada de incentivos para combustíveis fósseis. *Zero Growth, one currency (SDR - special drawing rights)*.

The new green deal - ESG (Environmental, Social, Governance)

O título é uma “cola” do programa da candidatura democrata vencedora (?) no último pleito eleitoral estadunidense, em 3 de novembro. Na Comissão Europeia (primeiro grande ensaio de governo coletivo na contemporaneidade), os investimentos aprovados são somente aqueles com objetivos compartilhados pelos 27 países-membros. Soma-se o mantra atual das preocupações integradas para as organizações: com o meio-ambiente, com o meio social, com a boa governança. Nada fora disso merecerá ser sequer ouvido.

Não possua. Seja feliz.

“Todos os produtos que temos passarão a ser serviços”.

“Somente um sólido sistema financeiro nos protegerá”: com renda básica de subsistência [espécie de salário mínimo universal] e financiamento de pequenos e médios negócios por uma autoridade monetária [tipo BNDES] e com contrapartidas sociais.

Uma 4ª Revolução Industrial, da digitalização, de *Big Data*, da internet das coisas e da inteligência artificial, tem a ocorrência da pandemia de Covid-19 como janela de oportunidade para um grande salto final: a internet dos corpos.

Globalismo VERSUS Globalização

As redes sociais não cumpriram sua promessa lúdica de sociabilidade. Muito pelo contrário. Estamos enredados, figurinhas carimbadas e categorizadas por pessoas que não conhecemos para objetivos que não estão escritos nas “regras de uso” – que não lemos.

Ideal de vida em comum, de interdependência de indivíduos, o conceito africano, zulu, de *ubuntu* – “existo porque você existe, sou o que sou pelo que nós somos” (uma cultura intratribal, mas não intertribal) – é belo e inspirador, mas impossível inter-nações (talvez exatamente por isso se queira impingir o fim delas). O globalismo, talvez até acontecesse se tivesse ocorrido antes da globalização – processo econômico que estabeleceu duras relações comerciais e financeiras (não humanas) entre empresas (não pessoas), mundialmente. As questões migratórias e de refugiados aliadas ao impasse permanente sob o qual vive a OMC desde a sua criação são mostras cabais dessa impossibilidade.

Pressuposto: o império da ciência... mas qual ciência?

“Mudança climática, passatempo das elites”. (James Rickards em seu livro “O caminho para a ruína” (2017).

O meio acadêmico – inteiramente montado no *modus vivendi* atual – já foi inteiramente tomado pelo pensamento único de esgotamento desse mesmo *modus vivendi* – o que, de certo modo, confirma a falência da Educação tradicional na construção de cidadãos livres e autônomos. A oferta de uma solução como “toque de mágica” alegra a parte infantil da *persona* que vive dentro de cada um de nós. Adaptando a cantiga infantil: “- Coelhoinho da Páscoa, que trazes p’ra mim? - Uma vacina, duas vacinas, três vacinas assim”. Como, exatamente, acreditamos nisso? Imagine sua conta sem saldo e você sem trabalho remunerado.

“A educação da criança norte-americana pertencente à classe média superior busca resguardá-la solicitamente da consciência da morte e do destino. Ela é criada numa atmosfera de Papai Noel; e quando vem a saber que Papai Noel é um mito, chora amargamente. Na verdade, nunca aceita integralmente a remoção dessa deidade do seu panteão e, adulta, passa boa parte de sua vida à procura de algum substituto emotivo”. Norbert Wiener.

Em tempos de *fake news*, na era da curadoria, a fonte é a (alma da) mensagem

“Atualmente, a liberdade de expressar-se se tornou tão dispendiosa, com o custo crescente de periódicos, jornais e serviços de agências jornalísticas, que a atividade da imprensa se tornou a arte de dizer cada vez menos a um número cada vez maior de pessoas. Mais e mais, vemo-nos obrigados a aceitar um produto padronizado, inofensivo e insignificante que, pasteurizado, como o pão branco das padarias, é fabricado antes devido às suas propriedades de conservação e venda que ao seu valor alimentício”. Norbert Wiener.

Os que demonizam a pós-verdade são os mesmos que praticam a pré-verdade

A indústria cultural e a comunicação institucional (meios de informação, internet, redes sociais) já estão sob uma espécie de “legislação restritiva” sob a qual autointitulados *fact checkers* (agora adotados pela ONU), são as cerejas do bolo –, genuíno Ministério da Verdade transnacional retratado, em 1948, por George Orwell, em sua obra “1984”.

O evento global *new coronavirus - pandemic*, serviu de agente catalizador para várias reações pré-paradas nos âmbitos financeiro, cultural e social. De origem difusa, atendem, porém, a um alinhamento ideológico, filosófico, de pensamento unificado.

Inúmeros futuristas e analistas de megatendências já chamaram a atenção ao potencial fator desencadeante de uma “crise sanitária” com consequências que também já haviam sido exploradas na Literatura – nalgumas vezes como ficção (com temor), noutras como um *wishful thinking* (com entusiasmo). O ir-e-vir sempre restrito.

Metacapitalistas têm se lançado a buscas tecnológicas de “soluções” (um jargão de negócios) que, não raro, incluem a ideia de uma “vacinação em massa, obrigatória” – ora no sentido figurado, ora no sentido literal, como agora, com a Covid-19.

A tese é a de que só um “grande *insight*” agora, já, poderia suspender uma “detonação de fatos ruins em cadeia” como a preconizada pelo *Forum Econômico Mundial*. O nome é *Great Reset* e o sobrenome é “nova ordem mundial”. Muita gente boa ansiava “por um meteoro”, embora a maioria das pessoas estejam mesmo é num estado de sonambulismo muito parecido com o “apocalipse zumbi” dos filmes B. O problema com os desejos é que, eventualmente, se realizam.

Alguns ingredientes da receita

“Com toda a evidência, nossas decisões são, muitas vezes, não racionais, baseadas em coincidências fortuitas que arvoramos em ‘signos’ ou oráculos. Este comportamento irracional está longe de ser sempre nocivo: evitar passar por baixo de uma escada é superstição, mas também prudência. De resto, a teoria dos jogos mostra que é vantajoso tomar certas decisões de maneira errática. Enfim, é ilusório pensar que poderíamos decidir racionalmente cada uma de nossas ações”. David Ruelle.

- Povo em casa ou na rua, de máscara, sem expressão e sem socialização.
- A imprensa – praticando *cherry picking* de fatos negativos – vem portando-se como partido político num consórcio do pensamento e discurso unificado como nunca se viu.
- Cortes constitucionais legislando ao arrepio das respectivas Constituições que deveriam defender, governadores e prefeitos com postura de ditadores – o maior *show room* desses fenômenos é o Brasil.
- Órgãos de informação empastelados e jornalistas independentes amordaçados. Patrulha *sleeping giants* ao PayPal.
- Jornalistas – formados como agentes de transformação social – querendo ser mais importantes que as notícias, num vício de “comentarismo” em lugar da reportagem dos fatos.
- Empresários sempre tratados como maus elementos; e cidadãos fora-da-lei considerados vítimas da sociedade.
- Resistência: artes e cultura – mesmo em um beco sem saída – praticam cega oposição. *Hay gobierno? Soy contra!*

- Educadores em uma licença remunerada estendida... ou eterna?
- Veículos tradicionais de imprensa ofertando jornal de graça – surge até o caso de um “acordo” com a aparelhada OAB no caso do Brasil. A promoção junta-se ao prêmio *Innovare* para comprar a simpatia do meio jurídico.
- Juízes falando pelos cotovelos, fora dos autos. *Gamification* tupiniquim: “Coloque Bastilha e STF numa mesma frase”.
- Movimentos democráticos se achando partidos políticos. “MBL News” (*house organ* típico de movimento) se fazendo de veículo jornalístico. O povão (ainda) acredita?
- Celebidades de ocasião – e sem méritos críveis – se considerando salvadores da pátria.

Cultura de gratuidade – erodindo o valor do trabalho

Lastimável a ideia – falaciosa, pois há “donos” dos conteúdos – de que a Wikipedia (como outras iniciativas “wiki”) é o conhecimento das multidões; todo mundo tem acesso a tudo, fica sabendo de tudo, é tudo grátis.

Há duas décadas vivemos uma “cultura da gratuidade” danosa, como adverte Jaron Lanier (ex-editor da revista *Wired*): “Um novo maoísmo. Se aceitamos que Warren Buffett, Bill Gates, Jeff Bezos, Steve Jobs, Elon Musk são pensadores, temos que aceitar que seus executivos também possam ser pensadores”. Lanier pensa num retorno à ideia inicial da internet, o projeto Xanadu.

A literatura da Escola de Frankfurt já não diferenciava proprietários de *managers*, talvez dando até mais poder a estes – mais realistas que os reis. No Grupo Globo, por exemplo, entre diretores gerais, superintendentes, editores-chefes, redatores, repórteres, apresentadores, são os que estão no nível mais baixo na escala de poder que “pensam” em agradar os patrões, e que estão redigindo o que vai ser lido nos *teleprompters*. Editores de imagens, *designers* em início de carreira, a pretexto de agradar, são mais radicais na “pegada ideológica” ou na escolha de causas. Fica a memória da célebre frase atribuída a Roberto Marinho, dirigida aos interlocutores do regime militar (1964-1985): “os senhores cuidam de seus comunistas, e eu cuido dos meus”.

“Algo totalmente novo está acontecendo. Nos últimos cinco ou dez anos, quase todo mundo começou a carregar consigo, o tempo todo, um aparelhinho chamado *smartphone*, feito sob medida para modificações de comportamento pelos algoritmos. Muitos de nós também usam aparelhos chamados *smart speakers* (alto-falantes inteligentes) na bancada da cozinha de casa ou no painel do carro. Estamos sendo rastreados e avaliados constantemente, e recebendo o tempo todo um *feedback* artificial. Estamos sendo hipnotizados pouco a pouco por técnicos que não podemos ver, para propósitos que não conhecemos. Agora somos todos animais de laboratório.

Os algoritmos se empanturram de dados sobre você a cada segundo. Em que tipos de *link* você clica? Quais são os vídeos que vê até o fim? Com que rapidez pula de uma coisa a outra? Onde você está quando faz essas coisas? Com quem está se conectando pessoalmente e *on-line*? Quais são as suas expressões faciais? Como o tom da sua pele muda em diferentes situações? O que você estava fazendo pouco antes de decidir comprar ou não alguma coisa? Você vota ou se abstém?

Supostos ‘anunciantes’ podem se apoderar do momento em que você está perfeitamente satisfeito e influenciá-lo com mensagens que funcionaram com outras pessoas cujas

características e situações são iguais às suas. Digo ‘supostos’ porque não é correto chamar de anúncio a manipulação direta. Os anunciantes costumavam ter uma chance limitada de fazer uma abordagem de venda, e essa abordagem podia ser sorrateira e irritante, mas era passageira. Além disso, muita gente via o mesmo anúncio veiculado na TV ou impresso em jornais e impresso em jornais e revistas; ele não era adaptado para cada indivíduo. A maior diferença é que você não era monitorado e avaliado o tempo todo para que pudessem alimentá-lo com estímulos ‘otimizados’ de maneira dinâmica — sejam eles ‘conteúdo’ ou anúncios — de forma a alterá-lo e conseguir seu engajamento. Agora, todos que estão nas redes sociais recebem estímulos individualizados, continuamente ajustados, sem trégua; é só estar usando o *smartphone*. O que antes podia ser chamado de ‘propaganda’ deve agora ser entendido como uma ‘modificação de comportamento’ permanente e em escala gigantesca.

Coletivismo digital que converge para um totalitarismo tecnológico-tecnocrático

“Globo e seus ‘cem milhões de uns’: massificação (da estética grotesca) assumida. As demais redes de TV acompanham”.

Até a década de 1990, o sistema educacional brasileiro estava baseado na ideia da democratização e massificação do conhecimento. A cultura estava ainda bastante baseada na leitura de livros e em aulas presenciais. Com a vinda dos meios digitais, a profusão de revistas acadêmicas, o surgimento de muita inteligência atribuída a *apps* – o ensino passou a *commodity* e o conhecimento real ficou restrito à elite – e sua escolha autônoma de fontes. Filhos de metacapitalistas têm regras estritas de uso da internet. Todos os outros ficam com a disponibilidade padrão pobre de leitura, com a múltipla escolha, a progressão automática e decisões de política educacional de massa, a qual também tirou o centro da ação do professor e passou-a a “facilitadores” menos graduados. Conhecimento, crítica e debate menos presentes (quantitativamente) e, conseqüentemente, qualitativamente piores.

“Você já deve ter ouvido as confissões pesarosas dos fundadores de impérios de redes sociais, que prefiro chamar de ‘impérios de modificação de comportamento’. Com vocês Chamath Palihapitiya, ex-vice-presidente de crescimento de usuários do Facebook: ‘Criamos ciclos de *feedback* de curto prazo impulsionados pela dopamina que estão destruindo o funcionamento da sociedade (...) Nenhum discurso civil, nenhuma cooperação; apenas desinformação, inverdades. E não é só um problema americano — não se trata de anúncios russos. É um problema global (...). Sinto uma culpa tremenda. Acho que, no fundo, todos nós sabíamos — embora tenhamos fingido (...) que provavelmente não seríamos surpreendidos por nenhuma consequência ruim. Acho que, bem, bem lá no fundo, nós meio que sabíamos que algo ruim poderia acontecer (...). Então neste exato momento nos encontramos em uma situação realmente ruim, na minha opinião. Isso está erodindo o alicerce de como as pessoas se comportam umas com as outras. E não tenho nenhuma solução boa. Minha solução é: não uso mais essas ferramentas. Não uso há anos’. [12/07/2018]. Com vocês Sean Parker, primeiro presidente do Facebook: ‘Precisamos lhe dar uma pequena dose de dopamina de vez em quando porque alguém deu um *like* ou comentou uma foto ou uma postagem, ou seja lá o que for (...) Isso é um circuito de *feedback* de validação social (...) exatamente o tipo de coisa que um *hacker* como eu inventaria, porque explora uma vulnerabilidade da psicologia humana (...) Nós, os inventores, os criadores das redes sociais, tínhamos consciência disso. E fizemos isso mesmo assim (...) isso muda a relação de vocês com a sociedade, de uns com os outros (...). Isso provavelmente interfere de maneiras estranhas na

produtividade. Só Deus sabe o que as redes sociais estão fazendo com o cérebro de nossos filhos'. [13/07/2018]”.

Quotes colhidos por Jaron Lanier em seu *best seller* “Dez razões para você deletar agora as suas redes sociais”, editado no Brasil pela Intrínseca, Rio de Janeiro, em 2018.

Não trago verdades ou memes... só conselhos de um professor

[Reproduzo, aqui, trechos de duas palestras proferidas em outubro último a estudantes de Jornalismo, Radialismo, Propaganda e Relações Públicas – na Universidade de Uberaba (UniUbe) e na Faculdade da Serra Gaúcha (FSG)].

Referenciei, neste conteúdo, dois autores: um, clássico, Norbert Wiener, pai da Cibernética, e, outro, contemporâneo, Jaron Lanier, autor de quem acabei de ler seu polêmico livro “10 argumentos para você deletar agora as suas redes sociais”. 70 anos distanciam os dois. O conteúdo de Wiener, de 1948, e o de Lanier, de 2018.

Deixamos uma era de ignorância – em que não saber era uma contingência de não acesso, não letramento ou não vontade. Com a internet como a conhecemos hoje – já com 25 anos de idade (comercial), esta era acabou. Agora – estamos na “Era da Curadoria”.

Aconselho você, pois:

1) A ler o que puder, escolhendo suas fontes recorrendo aos seus mentores, sejam professores ou não.

Seja dono de seu pensamento. Todo profissional de comunicação deve terminar sua formação básica e iniciar no mercado de trabalho contando com um referencial básico. Serão os seus paradigmas. Imprensa não é fonte de conhecimento. Literatura, sim.

2) A elaborar – e executar – a partir do conhecimento adquirido.

Compreenda que tudo o que produzimos; uma campanha publicitária, um programa de rádio ou TV, e o noticiário na internet – é sempre algo feito de escolhas. Pense que num determinado momento você será a pessoa a fazer essas escolhas. Não se restrinja a acompanhar o noticiário e as campanhas. Isso é pouco, insuficiente. Recorra à Literatura. Nunca foi tão fácil ler os clássicos. Bauman, Eco, Talese, Porto Simões – os mais recentes.

3) A respeitar a alteridade. E ser responsável.

Procure, na medida do possível, raciocinar sem viés opinativo, permitindo que o outro construa sua opinião e faça suas escolhas.

Jornalistas, radialistas, publicitários e errepês são, por definição, formadores de opinião – o que traz uma grande responsabilidade. E a linguagem audiovisual (diversos artigos científicos pontificam: ‘internet é vídeo’) é a mais forte – o que aumenta ainda mais a responsabilidade de *vloggers* e *youtubers*.

Mais

Olhando para a Filosofia clássica – cito, pontualmente, três pensadores fundamentais para a Comunicação; Sócrates, Platão e Aristóteles:

Sócrates – que não deixou obra escrita – só oral (imaginem-no como um precursor dos *podcasts*) – formou pensadores (como Platão) e sua contribuição metodológica, a “*maiêutica socrática*”, privilegiava a lógica argumentativa e um certo “saber inato” algo transcendental, mas baseado em tudo aquilo que “suas antenas” possam captar.

Platão, por sua vez, provocou-nos com um mundo ideal – fora do sensorial – um mundo das ideias (*Topos Uranus*), onde estariam as “coisas mesmas”, a verdade, sendo a nossa vida cotidiana falaciosa em tudo, mera representação desse ideal – ideal pelo qual lutaremos a vida inteira.

Aristóteles trouxe-nos a Dialética. Pai do processo educativo para mim, ensinou-nos a propor teses, discutir antíteses e buscar ciência, consciência, conhecimento e sabedoria. Não sínteses.

Em livro de 2018, “Auditoria Funcional da Comunicação Organizacional”, inicio o prefácio assim: “Por uma revolução analógica...”. Na verdade, faço um chamado ao fator humano. Uma virada para a real transparência, a sustentabilidade, decisões colegiadas e condutas éticas – os quatro pilares de uma governança mais justa, feita por gente, não máquinas. Peter Drucker é a referência aqui. Qualquer coisa deste autor – que no obituário, de 2005, foi elevado à condição de filósofo – vale a pena ler.

Somos cientistas sociais. Ponto. Não opero com o conceito de Ciências Sociais “aplicadas”, rótulo atribuído à Comunicação e à Administração (área em que atuo como professor desde 2009) para rebaixar a nossa contribuição intelectual – algo indevido em minha opinião.

Somos operadores da comunicação, mas a nós cabe, também, refletir a par de operar a comunicação. E apreciar as Artes, para além dos conteúdos da cultura de massa em todos os tempos, para fomentar a nossa própria cultura e prover melhores escolhas – tanto éticas quanto estéticas.

Roberto Porto Simões, saudoso professor gaúcho, chamava a atenção – criticamente – quanto ao perfil “tarefeiro” que assumimos quando somos chamados para cumprir etapas “picadas” sem a compreensão do todo. Há que fugir disso. Claro que em começo de carreira é o que aparece para todos nós... mas deve ser um objetivo fugir deste esquema. E empreender pode ser a saída.

Bom senso e discernimento são necessários, pois quando a mídia torce a verdade distorce. Devemos muito aos grandes veículos de imprensa... mas com a perda do eixo central da informação para a internet... esses tornaram-se menos utilidade pública e mais instrumentos a serviço do capital – tanto de acionistas como de anunciantes.

Vejo, triste, o destino de alguns profissionais da comunicação. Pessoas colocando-se a serviço de máquinas. Não satisfeitas com o uso de programas, portam-se como algoritmos, querendo dicas “passo-a-passo” para segui-las... roboticamente. Herdeiros de uma tradição humanista na academia, renegam o fator humano. Reforçam uma inteligência artificial que rouba espaço de trabalho à inteligência natural. Desumanizam-se apesar do discurso de “humanização”. Complicam, apesar de uma defesa visceral da conveniência e do imediatismo. Atrasam ou não entregam enquanto prometem agilidade. Enfim, desservem.

Peço a você: reflita.